

# TRÊS CAUSOS EM TORNO DO ARQUIVO DO CEAO

## SUMIÇOS E APARIÇÕES NUM ACERVO INTERNACIONAL

*Livio Sansone*  

*Universidade Federal da Bahia*

Os arquivos são obviamente importantes instrumentos de trabalho e pesquisa, que podem revelar, evidenciar, negligenciar ou até mesmo esconder documentos. Em outras palavras, um arquivo importa por aquilo que tem e em como isso é exibido, mas também por aquilo que não contém ou não exhibe. Isso certamente vale para o arquivo que em 44 caixas reúne a correspondência do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), que contém cerca de 5.000 documentos organizados em ordem cronológica e relativamente bem acondicionados em tradicionais caixas de plástico. Os primeiros documentos antecedem em dois anos a fundação do CEAO, em 1959 e, como quase todos os arquivos cartáceos, ele se extingue paulatinamente com a consolidação do correio eletrônico a partir de meados da década da década de 1990, sendo a última caixa de 2002.<sup>1</sup> Sua organização se deve aos esforços enveredados pelo antigo diretor do CEAO, Jocélio Telles dos Santos, em 2002, que, com os poucos recursos repassados à época pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH), empreendeu projeto de organização, sob incumbência da arquivista Isabel Matos. A equipe liderada por Matos demorou mais de um ano para concluir a tarefa, produzindo um inventário e um relatório,

---

1 O que será da arqueologia do saber depois da guinada digital, sem mais correspondência em papel a pesquisar e (ainda) sem acesso à correspondência que hoje é toda ou quase totalmente trocada pela internet?

em 2004.<sup>2</sup> Em seguida, procedeu-se à digitalização do grande acervo de recortes de jornais – o qual, infelizmente, se perdeu.<sup>3</sup>

Neste ensaio, que antecede o processo de digitalização e sistematização do arquivo do CEAO, previsto para acontecer ainda em 2025, pretendo focar em três casos, ou, melhor dito, *causos*, que ilustram, a meu ver, as tensões políticas e sociais que perpassaram o CEAO nos anos seguintes à sua fundação. Trata-se de três conjuntos de documentos, dos quais apenas um se encontra no arquivo do CEAO: uma reveladora carta do antropólogo afro-americano St. Clair Drake a Agostinho da Silva em 1960; as correspondências entre Berta e Darcy Ribeiro e Marvin Harris e Agostinho da Silva nos anos de ouro da nova política internacional brasileira (1961-1963); e a correspondência entre Frances Herskovits e Vivaldo da Costa Lima, associada à visita dela a Salvador e ao CEAO, em 1967.

Evidências de quão rapidamente o CEAO tinha se tornado conhecido no exterior podem ser encontradas na carta enviada por St. Clair Drake, então professor visitante de sociologia da Universidade de Gana, em Logon, a George Agostinho da Silva, primeiro diretor do Centro, em 23 de março de 1960:

O Dr. [Lorenzo] Turner não teve a oportunidade de analisar os dados [de sua pesquisa no Brasil] [...] Me pergunto se seu Centro está em condições de lhe dar a oportunidade de fazê-lo no Brasil ou em Chicago [...] Também pensei que eu gostaria de passar um ano na Bahia [...] e gostaria de perguntar se existem possibilidades de cooperação para pessoas que falam somente inglês.<sup>4</sup>

Embora não se encontre no arquivo do CEAO cópia da resposta de Da Silva, a carta é reveladora da projeção internacional do CEAO, desde a sua fundação. Essa notoriedade devia muito ao esforço de Agostinho

---

2 Nenhum dos dois se encontra mais na biblioteca do CEAO, mas ambos foram resgatados graças à colaboração de Isabel Mattos durante a pesquisa para este texto.

3 Agradeço à bibliotecária do CEAO, Tatiana Bonfim, por sua dedicação e ajuda na pesquisa que fundamenta este texto.

4 Arquivo do Centro de Estudos Afro-Orientais (UFBA), *Carta de Drake para Agostinho Silva*, 23 de março de 1960.

da Silva, que escreveu centenas de cartas para pesquisadores individuais e centros de pesquisa dentro e, sobretudo, fora do Brasil, apresentando o CEAO, propondo intercâmbios e pedindo doações de livros e revistas para a biblioteca.<sup>5</sup> O pedido de um antropólogo internacionalmente conhecido como Drake, parte integrante da rede pan-africanista anglófona, também ilustra a relevância simbólica que Salvador e, logo a partir de sua criação, o CEAO, tiveram no imaginário de importantes intelectuais negros norte-americanos em anos angustiados tanto pela segregação racial e, mais tarde, também pelo macarthismo, que cerceava o espaço de manobra de intelectuais, além da crônica falta de recursos, que também limitavam severamente as oportunidades de pesquisa, sobretudo aquelas de abrangência internacional.

Lembremos que Lorenzo Dow Turner havia realizado uma importante e pioneira pesquisa em 1940-1941 em Salvador e no Recôncavo baiano sobre a permanência dos falares africanos, sobretudo o Yorubá entre o povo de santo,<sup>6</sup> com importantes gravações das vozes mais centrais da elite do candomblé soteropolitano. Não obstante os esforços envidados, que descrevi alhures,<sup>7</sup> Turner nunca conseguiu publicar o livro que apresentaria detalhadamente sua pesquisa na Bahia. Turner trabalhava naqueles anos no Roosevelt College em Chicago, onde St. Clair Drake tinha criado um programa de estudos afro-americanos e africanos, do qual Turner era um dos pilares. Nessa carta, Drake se propõe a contribuir, a partir de uma eventual estadia no CEAO, com a pesquisa iniciada por Turner.

St. Claire Drake era, naqueles anos, sem dúvida, o mais importante antropólogo negro norte-americano.<sup>8</sup> Após a guerra, ele se juntou ao corpo

---

5 As cópias dessas cartas se encontram no arquivo do CEAO.

6 Turner, Lorenzo Dow, "Some Contacts of Brazilian Ex-Slaves with Nigeria, West Africa", *Journal of Negro History*, v. 27, n. 1 (1942), pp. 55-67, [DOI](#).

7 Livio Sansone, *Estação Etnográfica Bahia*, Campinas: Editora da Unicamp, 2023.

8 Baber, Willy, "St. Clair Drake: Scholar and Activist" in Ira E. Harrison & Fay Harrison (eds). *African-American Pioneers in Anthropology* (Chicago: University of Illinois Press, 1996), pp. 191-212.

docente do Roosevelt College como professor assistente em sociologia e antropologia e ajudou a organizar um programa de estudos africanos. Esse *College*, fundado em 1946 com o apoio do Rosenwald Fund e do Marshal Field Program, era uma iniciativa inovadora que atraiu vários pesquisadores afro-americanos, como o próprio Lorenzo Turner, que trabalhava na universidade negra de Fisk, por ser um dos poucos centros universitários no qual tanto o corpo docente como discente eram racialmente integrados. No Roosevelt College, um crescente número de jovens universitários africanos era convidado para ministrar cursos, dentre os quais Eduardo Mondlane que, durante seu mestrado e doutorado na Northwestern University, sob a égide de Melville Herskovits, ministrou cursos em temas africanos. Essa instituição também foi pioneira em termos de pesquisa. St. Clair Drake conduziu pesquisas sobre comunidades negras nos portos marítimos da Inglaterra em 1947-1948 para seu doutorado e, enquanto estava na Inglaterra, conheceu George Padmore, Kwame Nkrumah, T. Ras Makonnen e outros líderes do movimento pan-africano. Sua dissertação, *Sistemas de valores, estrutura social e relações raciais nas Ilhas Britânicas*, foi aprovada em 1954. Em 1969, após 22 anos em Roosevelt, ele aceitou a cadeira do Programa de Estudos Afro-Americanos na Universidade de Stanford, onde permaneceu no corpo docente até sua aposentadoria, em 1976. Como educador e antropólogo social, Drake trabalhou e conduziu pesquisas na África Ocidental intermitentemente entre 1954 e 1965.

É interessante que ele escreva para Agostinho da Silva de Gana, onde provavelmente o CEAO também já era conhecido por conta dos contatos estabelecidos por da Silva para possibilitar a estadia naquele país de Vivaldo da Costa Lima (que ficou na África ocidental por três anos a partir de 1959) e de Paulo Farias, que fez mestrado em Gana. Drake foi professor visitante na Universidade da Libéria em 1954, Ford Foundation Fellow na Nigéria e Gana em 1955, atuou como chefe do departamento de sociologia na University College of Ghana entre 1958 e 1961 e foi consultor do governo de Nkrumah. Junto com Lorenzo Turner, também

auxiliou na implementação de programas do *Peace Corps* em Gana e Serra Leoa.<sup>9</sup> Após a derrubada do governo de Nkrumah, em 1965, que deu início a uma era de regimes militares na África, Drake reorientou suas energias para o Caribe e o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos. Autor prolífico, entre suas muitas publicações estão: *Churches and Voluntary Associations Among Negroes in Chicago* (1940), a sua contribuição ao estudo *The American Dilemma*, financiado pela Carnegie Foundation e coordenado por Gunnars Myrdal; *Black Metropolis*, em colaboração com Horace Cayton (1945), uma pedra-angular dos estudos de antropologia urbana entre negros nos Estados Unidos; *The American Dream and the Negro: A Hundred Years of Freedom?* (1963); *Social Work in West Africa*, em colaboração com Peter Omari (1963); *Black Religion and the Redemption of Africa* (1971); e *Black Folk Here and There* (1987, 1990). Seus muitos artigos e ensaios apareceram em livros e em periódicos acadêmicos e não acadêmicos nos Estados Unidos e na África. Na época de sua morte, em 1990, ele estava trabalhando há vários anos em um manuscrito volumoso intitulado *África e a Diáspora Negra*. Infelizmente, no arquivo não se encontram cópias da eventual resposta de da Silva, mas a pesquisa que está sendo por mim realizada nos St. Clair Drake Papers, no Schomburg Center de Nova Iorque, poderá revelar interessantes detalhes acerca do lugar do Brasil e de alguns dos seus centros de pesquisa como o CEAO – e, mais tarde, o Centro de Estudos Afro-Asiáticos na Universidade Candido Mendes, no Rio de Janeiro, e o Centro de Estudos Africanos, na Universidade de São Paulo – nas rotas do panafricanismo anglófono.

O segundo caso concerne a (não) chegada dos estudantes moçambicanos no CEAO. A reputação internacional do CEAO, sobretudo em seus primeiros anos, deve em muito ao carisma e ativismo de Agostinho

---

9 Para pesquisadores afro-americanos, o *Peace Corps* ofereceu, pela primeira vez, a oportunidade de viajar e residir por um tempo em alguns países africanos. Gana, onde Du Bois se autoexilou, farto das perseguições do macarthismo, também graças ao aceno positivo à diáspora de parte do próprio Nkrumah, se tornou, junto com Serra Leoa, Libéria e Nigéria, o país que mais atraiu intelectuais e pesquisadores afro-americanos.

da Silva, seu idealizador e primeiro diretor. Essa reputação se retroalimentava no contexto internacional e político relativamente favorável dos anos de 1958-1964, período durante o qual a maior parte dos países africanos se tornou independente, sobretudo durante o (breve) governo de Jânio Quadros, quando o Brasil se perfilou internacionalmente com uma nova e mais incisiva política externa, mais interessada em políticas de alinhamento entre o então Terceiro Mundo, em um contexto de guerra fria. Tudo isso é patente no rico arquivo do CEAO. Importantes pesquisas têm sido realizadas nesse arquivo sobre a trajetória de Agostinho da Silva,<sup>10</sup> o pioneirismo do CEAO na formação de estudantes africanos e a fatigosa construção de um saber africanista a partir do CEAO.<sup>11</sup>

Ainda há facetas pouco conhecidas, como a possibilidade de o centro também ter recebido alunos oriundos dos países do Ultramar português, mais concretamente da África Oriental Portuguesa, atual Moçambique. Em carta a Wladimir Murtinho, Agostinho da Silva afirmou:

Quanto a África estamos sobretudo interessados em desenvolver estas relações com os países que de algum modo tiveram maior importância na evolução histórica do Brasil, tais como Senegal, a Costa de Marfim, o Daome, a Nigéria, o Gana, o Congo e, naturalmente, todos os territórios dos domínios ultramarinos portugueses.<sup>12</sup>

Para Agostinho da Silva, era prioridade trazer alunos africanos da África Ocidental, a região da qual provinha uma grande parte dos escravizados na Bahia, mas também da África Portuguesa, outra região com

10 Gilson Brandão de Oliveira Junior, “Agostinho Neto e Agostinho da Silva: exílios, encontros e desencontros entre intelectuais no Atlântico Sul”, Tese (Doutorado em História), Universidade de Brasília, Brasília 2017, [↗](#).

11 Luiza Nascimento dos Reis, “De *improvisados* a eméritos: trajetórias intelectuais no Centro de Estudos Afro-Orientais (1959-1994)”, Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015, [↗](#); Luiza Nascimento dos Reis, *Estudantes africanos e africanas no Brasil (Anos 1960)*, Recife: Editora da UFPE, 2021, [↗](#).

12 Carta de Agostinho da Silva a Wladimir de Amara Murtinho, Diretor da Divisão Cultural do Ministério das Relações Exteriores, de 21 de março de 1960, constante em: Oliveira, Jr., “Agostinho Neto e Agostinho da Silva”, p. 144.

a qual o Brasil teria uma forte relação cultural e linguística.<sup>13</sup> Nisso ele estava sujeito a uma dupla influência: o nagô-centrismo de Pierre Verger (e, de forma mais atenuada, de Vivaldo da Costa Lima), conselheiro do CEAO para as relações com a África Ocidental, e àquela mistura de lusotropicalismo, universalismo, anticolonialismo e antisalazarismo (e antifascismo) que lhe era característica e que o levava a vislumbrar uma radical mudança na política colonial portuguesa, uma visão em prol de uma federação de estados independentes unidos pela língua portuguesa, na qual o Brasil desempenharia um papel central e moderador.

Deixe-me fazer um prelúdio sobre como eu me dei conta da relevância internacional do Brasil, do CEAO e de Agostinho da Silva nos anos 1959-1964 no decorrer de minha pesquisa sobre a trajetória intelectual de Eduardo Mondlane, primeiro presidente da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique).<sup>14</sup> Na correspondência entre o antropólogo Marvin Harris e Mondlane, gentilmente disponibilizada a mim pelo Arquivo Nacional Antropológico do Smithsonian em Suitland (Virginia), fica claro que imediatamente após seu período como assistente do Trusteeship Program (programa para os países em descolonização em África) das Nações Unidas (1957-61) e, depois, como docente de antropologia do desenvolvimento na Universidade de Syracuse, Nova Iorque, e antes da mudança para a Tanzânia, no final de 1962, para ele, o Brasil estava prestes a adquirir um papel fundamental na formação de jovens moçambicanos.

Naquela época, o Brasil já havia despertado a curiosidade de Mondlane do ponto de vista da pesquisa sobre relações raciais; também sinalizava um novo alinhamento geopolítico, menos dependente do Norte, e havia se tornado famoso por novas abordagens no campo da educação

---

13 Agostinho da Silva atuou no CEAO tendo que balancear sua própria lusofilia brasilocêntrica e a relativa lusofobia de dois influentes pesquisadores franceses com os quais se correspondia: Roger Bastide e, sobretudo, Pierre Verger, propensos a criticar o colonialismo português, por eles percebido como de menor eficiência e profissionalismo com relação a aquele francês ou inglês.

14 Livio Sansone, “Eduardo Mondlane” in *Oxford Research Encyclopedia for African History*, (2023), pp. 1-24.

por meio do trabalho de importantes figuras internacionais como Paulo Freire, Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro. Como já exposto, essa nova centralidade do Brasil se deveu muito ao esforço de Jânio Quadros para mover o país na direção do bloco não-alinhado. O golpe de estado militar de 1964, na verdade, também pretendia conter essa mudança e colocar o Brasil de volta no quintal dos Estrados Unidos. De qualquer forma, naqueles anos pré-golpe, o Brasil era um país do qual se ouvia falar muito no prédio nas Nações Unidas em Nova Iorque. Imagino que devem ter sido esses fatos, associados à avaliação de que o Brasil democrático era uma boa alternativa a um Portugal autoritário para quem quisesse estudar em um país de língua portuguesa, que persuadiram Mondlane a procurar a Embaixada do Brasil em Washington para averiguar a possibilidade de concessão de bolsas de estudo ao grupo de cinco jovens acadêmicos do Instituto Moçambique em Dar Es Salaam – uma escola secundária criada pela Frelimo para atender aos muitos refugiados moçambicanos. Desconcertado com a declaração da Embaixada de que o Brasil não aceitava estudantes da África portuguesa,<sup>15</sup> Mondlane pediu ajuda ao antropólogo Marvin Harris,<sup>16</sup> do qual já era amigo e que era conhecido por ter bons contatos no Brasil.

Em uma carta datada de 5 de outubro de 1962, Harris escreveu ao seu amigo Darcy Ribeiro, na época Ministro da Educação e fundador da Universidade de Brasília, que achava a proposta interessante e pediu à sua esposa, Berta, também amiga de Harris, que respondesse positivamente.

---

15 Essa recusa deve ter sido causada pelo temor de irritar o governo Português, ao qual não agravam as tentativas de contatos de países estrangeiros diretamente com as províncias do além mar, embora seja mais uma evidência de que a nova política externa do Brasil enfrentava contradições e demorou a romper com o tradicional apoio a Portugal e sua política colonial.

16 Harris, professor da Columbia University, onde coordenava o *Latin American Program*, mais tarde o antropólogo que mais livros vendeu na história da antropologia norte-americana, tinha realizado pesquisa na Bahia em 1950-1951, no âmbito do projeto Columbia-Estado da Bahia, e em Moçambique, em 1957-1958, onde se deparou com a brutalidade do colonialismo português. A partir dessa experiência e de sua colaboração com o *American Committee on Africa* (ACOA) e a revista *Africa Today*, se tornou amigo e colaborador de Mondlane até o assassinato deste, em 1969.

Em resposta a Mondlane, em 21 de novembro de 1962, Harris escreveu que Berta havia recomendado Agostinho da Silva, um acadêmico português, mas, enfatiza a carta, radicalmente anti-Salazar, exilado no Brasil e a força criativa por detrás da fundação em 1959 do CEAO. Harris afirmou, ainda, que Da Silva estava muito interessado em treinar estudantes africanos, sobretudo aqueles oriundos de países de língua oficial portuguesa. Em setembro de 1961, Da Silva se desliga do CEAO para fundar, na UNB, o Instituto Brasileiro de Estudos Portugueses, mas mantém contato com o CEAO e com Waldir Freitas que, por indicação do próprio da Silva, assume a direção do centro e se compromete a seguir as linhas indicadas por seu criador.<sup>17</sup> Tratava-se de um projeto que se propunha a superar a condição colonial das províncias africanas por meio da criação de uma grande comunidade luso-afro-brasileira na qual o Brasil desempenharia um papel central e, de alguma forma, moderador. As fontes de inspiração eram as mais diversas, desde o lusotropicalismo de Gilberto Freyre até o projeto de criação de uma confederação entre Portugal e suas províncias de Ultramar após a independência destas últimas. Esse projeto foi alimentado por Adriano Moreira, Diretor do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos em Lisboa e, a seguir, ministro do Ultramar e admirador de Mondlane.

Duas importantes personagens desse projeto de Agostinho da Silva vieram a perder o poder e ser completamente marginalizadas pelos governos, respectivamente, de Portugal e do Brasil: Adriano Moreira e Darcy Ribeiro.<sup>18</sup> O primeiro pediu demissão da função de ministro quando do assim-dito contragolpe de Salazar, que significou o fim de qualquer esperança de evitar a guerra colonial, enquanto o segundo tomou o caminho do exílio, como muitos outros intelectuais engajados.

A correspondência sucessiva entre Harris e Darcy e Berta Ribeiro não faz mais nenhuma menção a esse projeto, provavelmente abortado como consequência do golpe militar de 1964, que interrompeu as “presunções” de muitos progressistas brasileiros que desejavam estabe-

---

17 Oliveira Junior, “Agostinho Neto e Agostinho da Silva”.

18 Oliveira Junior, “Agostinho Neto e Agostinho da Silva”, p. 191.

lecer uma nova orientação Sul-Sul nas políticas internacionais do Brasil – até mesmo a ponto de considerar sua transformação em um membro do bloco de países não alinhados. Uma ênfase no Brasil, além disso, também poderia ter sido um afastamento de várias críticas do lado dos cubanos, chineses e muitos dentro da Frelimo, de que Eduardo Mondlane estaria muito alinhado com os Estados Unidos – ou, pelo menos, com o projeto de Bob Kennedy de uma terceira via para os jovens países africanos, para que não tivessem que escolher entre afiliação ao bloco socialista ou aos países colonizadores.<sup>19</sup>

Como demonstram as pesquisas de Oliveira e Reis, há no arquivo do CEAO evidências das tentativas de trazer alunos da África portuguesa e da falta de apoio do governo de Portugal, não obstante a (nem tão suave) oposição de Pierre Verger – inclusive por eles serem, em sua grande maioria, bantus. No CEAO, porém, não se encontram (mais) os documentos que evidenciam o quanto os esforços de Agostinho da Silva reverberavam nas Nações Unidas e nos círculos anticoloniais norte-americanos em torno do *American Committee on Africa* (ACOA). Localizei fragmentos dessas correspondências somente no *Marvin Harris Papers* no National Anthropological Archive do Smithsonian em Suitland (Virgínia) e nos *ACOA Papers* mantido pelo Amistad Center, Tulane University. É possível que algum documento se encontre na correspondência de Agostinho da Silva digitalizada por Oliveira Junior em três CDs e por ele gentilmente doados à biblioteca do CEAO junto com a cópia impressa de sua dissertação, que continha mais um CD com cópia de todos os documentos citados. Infelizmente, esses CDs se perderam, mas essa é outra estória.<sup>20</sup>

Se os primeiros dois casos concernem os primeiros anos do CEAO, quando de sua criação sob a égide da Política Externa Indepen-

---

19 Em 1961, a revista *Africa Today* relatou que o Brasil concedeu facilmente um visto ao refugiado português General Humberto Delgado, enquanto os Estados Unidos negaram-lhe um visto quando ele quis participar de uma conferência da ACOA. Esse é mais um sinal de que o Brasil estava mudando sua atitude em relação ao colonialismo português.

20 Oliveira Junior, “Agostinho Neto e Agostinho da Silva”.

dente (PEI) e do Itamaraty, o terceiro concerne à segunda fase da história do CEAO, que corresponde a um triplo movimento de acomodação às regras da ditadura, pela vontade de transformar o Centro em referência para o povo de santo de Salvador e do Recôncavo e de institucionalização da formação pós-graduada em ciências humanas na UFBA.<sup>21</sup> Nessa fase, as relações com a África se concentraram nos países da Costa da Mina, sobretudo Gana, Benin e Nigéria.

Após o golpe de 1964, a situação do CEAO mudou radicalmente. Em meu recente livro *Estação Etnográfica Bahia* tentei descrever detalhadamente a volta de Frances Herskovits a Salvador, em 1967, para uma pesquisa, curta, mas bastante intensa, entre os informantes que ela, junto com o esposo Melville Herskovits, tinham entrevistados 25 anos antes, entre 1942 e 1943. Esse retorno ao campo tinha como objetivo atualizar os muitos dados já coletados e produzir um último capítulo do livro que finalmente apresentaria a pesquisa do famoso casal nos candomblés da Bahia. Por vários motivos, esse livro, que chegou até a receber o apoio da Fundação Ford e da Universidade de Northwestern, nunca foi finalizado. Para além de um maior impacto do turismo no mundo dos candomblés, as maiores diferenças entre 1942 e 1967, salientou Frances, eram a influência de Pierre Verger e sua predileção pelos iorubás, o fato de mais pessoas da classe média intelectual reverenciarem abertamente os orixás, a relativa diminuição dos falares africanos nos terreiros e, sobretudo, a existência do CEAO – um centro que ela, de imediato, apreciou e do qual chegou até a se sentir, de alguma forma, a representante junto à Universidade Northwestern depois de sua segunda incursão de pesquisa em Salvador, quando começou a angariar recursos para o centro e a doação de livros para a biblioteca. Melville já tinha tentado, sem sucesso, angariar recursos para a Faculdade de Filosofia nos anos 1950; e tampouco dessa vez Frances o conseguiu, pois já nos anos de 1950 as fundações americanas ainda preferiam investir em centros reputadamente mais sólidos no Rio

---

21 O Programa de Mestrado em Ciências Humanas foi inaugurado em 1968, no mesmo ano da Reforma Universitária.

de Janeiro e São Paulo. Ela conseguiu que as editoras mandassem todas as publicações disponíveis dos Herskovits para a biblioteca – às vezes, exemplares adicionais da mesma publicação eram enviados para Vivaldo da Costa Lima, Júlio Braga e Waldir Freitas – e convenceu William Bascom, um de seus mais fiéis discípulos, e George Eaton Simpson, antropólogo de Oberlin College, especialista do Shango em Trinidad, para que enviassem suas publicações também.<sup>22</sup> Vale a pena salientar que foi junto a Simpson que Vivaldo tentou conseguir uma bolsa para aprofundar seus estudos no Estados Unidos. Frances agradeceu muito o apoio recebido pelo diretor do CEAO, Waldir Freitas<sup>23</sup> e, sobretudo, o apoio no trabalho de campo recebido por dois jovens pesquisadores, Júlio Braga e Vivaldo da Costa Lima. Vivaldo ficou particularmente animado com a possibilidade de concluir seus estudos nos Estados Unidos, sobretudo junto a George Simpson e William Bascom, assim como com a possível concessão de uma bolsa, graças à intermediação de Frances, o que gerou uma troca de cartas desta com Vivaldo. Essa correspondência, mantida na Frances e Melville Herskovits Collection, do Schomburg Center da New York Public Library, além de mostrar a astúcia e o humor ácido de Vivaldo, capaz de manifestá-lo também em inglês, ilumina interessantes aspectos sobre o cotidiano do CEAO – centro corajoso, mas frágil – e as dinâmicas acadêmicas em uma universidade que ainda estava, de fato, em formação, assim como seu lugar importante nos estudos afrobrasileiros depois do golpe de 1964.

---

22 William Bascom, de parte de Herskovits, enviou 27 itens entre livros e textos avulsos para a biblioteca do CEAO New York Public Library, Schomburg Center, F. Herskovits Papers, Bascom to Waldir Oliveira, 29 de março de 1967). Bascom doou alguns livros seus para o CEAO. Simpson enviou 35 itens, entre livros e cópias de artigos e capítulos de livros (FSH and MH Papers, Simpson to Frances Herskovits, 4 de julho de 1967). Em novembro de 2024, se encontram na biblioteca do CEAO somente 14 itens dos Herskovits, 3 de Simpson e 3 de Bascom. Muitos desapareceram.

23 Frances também agradece pela acolhida em Salvador Gisela Valladares, esposa de José Valladares, que tinha sido o assistente de campo dos Herskovits em 1942-1943, com a qual ela manteve uma correspondência e para a qual também mandou exemplares de livros (alguns dos quais também foram enviados para Vivaldo da Costa Lima, Júlio Braga e Waldir Oliveira que a assessoram durante sua pesquisa em 1967). Frances, porém, se queixou da inesperada indiferença mostrada por Thales de Azevedo quando da sua volta para Salvador.

Com relação ao cotidiano, as ausências e omissões no arquivo são evidência de que só uma parte da correspondência, inclusive aquela em papel timbrado, permaneceu no arquivo. Nem tudo era compartilhado ou gerido de forma institucional ou republicana. Uma boa parte da documentação ficou nos arquivos privados dos pesquisadores, sobretudo quando se tratava de bolsas e convites, ademais para o exterior. Algo parecido aconteceu com os livros doados por pesquisadores e instituições estrangeiras para a nossa biblioteca – somente uma parte foi efetivamente incorporada a seu acervo. A precariedade no status de pesquisador do CEAO, assim como a crônica escassez de recursos naqueles anos, em parte explicam esses mecanismos de patrimonialização da coisa pública – bolsas, contatos e livros muitas vezes não eram compartilhados e serviam para reforçar as bibliotecas privadas e dar status e aura internacional a pesquisadores.

Em suma, como quase todo arquivo, o arquivo do CEAO contém de tudo, mas não tudo. As ausências podem e devem ser explicadas não somente por questões técnicas, mas também políticas. À guisa de conclusão deste ensaio, posso dizer que os três casos ilustram um período, de 1959 a 1967, que é aquele que chamaria de “pré-republicano”, anterior à reforma universitária de 1968. Havia pouca *res-publica*, os arquivos se privatizavam, bibliotecas e informações sobre verbas e bolsas não se compartilhavam, mas eram fator de poder e status na academia, as revistas tinham “dono” e ainda não submetiam os artigos a publicar à avaliação anônima de pares, selecionando os textos, digamos assim, por afinidade e simpatia.

Minha incursão no arquivo do CEAO, embora mostre que somente uma parte da correspondência ativa e passiva se encontra ali arquivada, evidencia a presença do CEAO e de seus pesquisadores como protagonistas de importantes páginas da história das relações internacionais a partir do Brasil no período de 1959 a 1967. O CEAO brilhou na sua combinação de centro enraizado localmente, mas conectado globalmente, na encruzilhada dos estudos afrobrasileiros e africanos. Mais concretamente,

os exemplos mostram que os estudos brasileiros sempre foram e ainda são uma construção transnacional e que as trajetórias de muitas figuras chaves na construção desses estudos no Brasil, e dos estudos afro-americanos em termos mais amplos, passam de alguma forma pelo continente africano.<sup>24</sup> A propósito da trajetória de pesquisadores, nossos três casos revelam também como “interferências” criadas por “pessoas de fora”, como Agostinho da Silva, Pierre Verger, Marvin Harris, Frances Herskovits e – embora em outra posição – o *mzungo mze*<sup>25</sup> que aqui escreve, desempenharam um papel importante, mas também encontraram oposição de parte da “província”. Nesta, a burguesia, como já dizia Antonio Gramsci, sempre evidencia uma mistura de xenofilia (celebrar aquilo que vem do Norte global) e xenofobia (se sentir ameaçado por aquilo que “vem de fora”). Assim, o forasteiro pode ser percebido tanto como aquele que traz recursos e ideias novas como aquele que, em um ato daquilo que hoje se chamaria “extrativismo”, se aproveita dos recursos e saberes locais dos quais se beneficiará “lá fora”.

O golpe de 1964 interrompeu brutalmente e estação criativa retroalimentada pela criação da UFBA e os esforços iniciado sob a égide de seu reitor, Edgar Santos, de internacionalizar o clima intelectual baiano<sup>26</sup> e, logo, deu instrumentos para que a “província” marginalizasse as ideias e os projetos de Agostinho da Silva – e de Martin Goncalves e Lina Bo Bardi. Vale a pena salientar que, naqueles anos duros, outros importantes estrangeiros, que tinham se afirmado no campo das artes plásticas, e gozavam do amparo das mais prestigiosas casas de candomblé, foram, de alguma forma, poupados pela repressão política da ditadura Refiro-me aos três “estrangeiros da terra”: Pierre Verger, Mario Cravo Neto e Carybé.

---

24 Sansone, Livio, “Entangled fields. Sources and hypotheses for the history of Afro-Brazilian, African-American and African studies in Brazil and the United States”, *Cahiers des Ameriques Latines*, (2022), vol. 99, n. 1 (2022), pp. 249-270, [DOI](#).

25 Velho branco, em suaáfi. É assim que apareço numa curta-metragem recente dirigido pelo jovem diretor queniano Cosma Bii, pesquisador na Moi University, em Eldoret, Quênia.

26 Risério, Antônio, *Avant-Garde na Bahia*, São Paulo: Instituto Bo Bardi, 1995.

A partir de 1968 ocorrerão mais mudanças radicais no CEAO por conta da reforma universitária, do plano nacional de Pós-graduação e, em 1969, da criação do mestrado em Ciências Humanas na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, do qual Vivaldo se tornou aluno e, logo a seguir, docente.<sup>27</sup> Isso aos poucos representa o crepúsculo da figura do pesquisador autodidata, mas multidisciplinar, onívoro e polígrafo, como tinham sido os jovens pesquisadores atraídos por Agostinho da Silva para dar corpo ao projeto do CEAO.<sup>28</sup>

Queria concluir apresentando uma contradição. Por um lado, esses casos revelam os limites de certos costumes pré-universitários para a produção do conhecimento, até porque, por serem relativamente estamentais, criaram barreiras, sobretudo para os grupos emergentes, como o crescente número de estudantes – e, dentre eles, estudantes negros. Por outro lado, é necessário tomar cuidado para não jogar fora o bebê com a água do banho, pois esse saber, que aqui chamo de pré-universitário (ou até antiuniversitário), por um mecanismo aparentemente contraditório, também produz, em Salvador, autênticas preciosidades intelectuais, frequentemente rotulados como produto de intelectuais regionais (e não nacionais) por aqueles que se consideram acadêmicos a pleno título, como aqueles que tive o prazer de conhecer, como Cid Teixeira, Jey Espinheira, Roberto Albergaria e Bira Gordo (Ubiratan Castro). Essa feliz e prolífica combinação de ciências sociais e realismo fantástico, que operou nas bordas da universidade, teve grande popularidade não somente na opinião pública, mas também entre estudantes da UFBA.

doi: 10.9771/aa.v0i70.65814

---

27 Informação de Maria do Rosário de Carvalho, constante em texto elaborado para uma conversa com colegas do Departamento de Antropologia e Etnologia da FFCH-UFBA, a convite de Carlos Caroso. Manuscrito não publicado, 2024.

28 Reis, “De *improvisados* a eméritos”. A crise do pesquisador multidisciplinar, onívoro e polígrafo, por causa da institucionalização do saber disciplinar na universidade, é um fenômeno que já descrevi alhures, me referindo ao fim da influência da escola Lombroso na América Latina nos anos de 1930 (Livio Sansone, *A Galáxia Lombroso, a África e a América Latina*, Campinas: Editora da Unicamp, no prelo).